

COMUNICAÇÃO



A conduta cada vez mais autoritária e pouco cerebral – sujeita aos humores e afetos – do presidente produziu um coro de críticas de parte da imprensa estrangeira em julho. Nesse período, o ministro Moro foi amplamente questionado e também classificado como vilão pela mesma mídia, algo que não aconteceu com igual vigor na imprensa nacional. Esta preferiu concentrar-se no ataque à indicação de Eduardo Bolsonaro à embaixada brasileira nos Estados Unidos. Na análise das redes sociais, um fato destacou-se: os tradicionais grupos bolsonaristas não se empenharam na defesa do filho O3.

Imprensa estrangeira bate duro em Moro

Ao longo do mês de julho, os jornais estrangeiros apontaram uma série de fraquezas do governo de Jair Bolsonaro e do próprio presidente. Uma das reportagens de maior impacto talvez seja da revista *The Economist*. O texto afirma que Bolsonaro está quebrando a sua maior promessa de campanha, a cruzada contra a corrupção. A revista diz que os brasileiros ainda não perceberam que o “time dos sonhos” no combate à corrupção está falhando. E menciona o processo contra Flávio Bolsonaro como algo que depõe contra o próprio presidente, mas cita o fato de Sergio Moro não ter se posicionado sobre a decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, de suspender as investigações. A *Economist* lembra que Sergio Moro está sofrendo um abalo na sua imagem por causa dos vazamentos de conversas que “mostram que ele colaborou concedendo informações para o Ministério Público”.

De fato, a imagem de Sergio Moro está enfraquecida na perspectiva dos jornais estrangeiros. No dia 5 de julho, o *The New York Times* publicou artigo da jornalista brasileira Vanessa Bárbara intitulado “A quem recorrer quando os justiceiros anticorrupção são corruptos?”. Ela critica o fato Moro continuar sendo ministro da Justiça mesmo diante das ilegalidades apontadas.

No mesmo dia, o inglês *The Guardian* apresentou reportagem sobre como Bolsonaro e seus aliados tentavam desacreditar as conversas vazadas, alegando que se tratava de uma ação da esquerda brasileira. O jornal diz que a tentativa deu errado porque a revista *Veja*, um ícone da direita brasileira, passou a também publicar as conversas. O texto ainda cita Reinaldo Azevedo como um conhecido jornalista conservador. O artigo chama atenção para significados que talvez estejam escapando da narrativa política.

No dia 8, o *Guardian* tratou a licença de Sergio Moro como algo fora do comum. O jornal menciona que ele coordenou os procuradores e que, agora, o antes “intocável”, estava “refém do próximo vazamento”. Também em 8 de julho, o *Le Monde* anunciou “a queda de Sergio Moro, o ex-juiz estrela da anticorrupção”. O texto diz que as mensagens mostram que Moro tentou influenciar os procuradores em um movimento ilegal. Dez dias depois, o jornal publicou nova reportagem afirmando que a publicação das mensagens “manchava ainda mais a Justiça brasileira”. O artigo afirma que procuradores e juiz agiram flertando com a ilegalidade e sem ética. Outro trecho afirma que a operação parece ter trabalhado deliberadamente para evitar que o PT voltasse ao governo.

Já no final do mês, em 25 de julho, o inglês *The Guardian* tratou da prisão dos hackers e afirmou que as mensagens que geram polêmica mostram que Sergio Moro orientou os procuradores no processo de corrupção contra o ex-presidente Lula e que a sentença retirou Lula das eleições, o que abriu caminho para a vitória de Bolsonaro.

No mesmo dia, o *New York Times* publicou reportagem sobre o assunto e disse praticamente a mesma coisa, que as mensagens mostram que Moro deu conselhos estratégicos aos procuradores enquanto eles acusavam Lula de corrupção. O jornal nova-iorquino também mencionou que a condenação impediu que Lula fosse candidato abrindo espaço para Jair Bolsonaro vencer.

No dia 26, o jornal português *Diário de Notícias* abordou a portaria 666 editada por Sergio Moro. O texto afirma que o ministro quer deportar Glenn Greenwald. Um dia depois, a *Al Jazeera* publicou reportagem apresentando porque Moro foi tratado como herói e que agora já aparece como um vilão porque manipulou os processos e a opinião pública. A matéria ainda sugere que a mídia brasileira não vai querer se desfazer da narrativa contra a corrupção que criou e alimentou nos últimos anos.

O desmatamento na Amazônia e o posicionamento público de Jair Bolsonaro afirmando que quer censurar novas divulgações de dados pelo Instituto de Pesquisa Espacial (Inpe) também foi objeto de diversas publicações e é outro ponto que toca

em uma fraqueza do atual governo. O inglês *The Guardian* realizou uma investigação em São Félix do Xingu em parceria com o site Repórter Brasil e informou que o desmatamento ocorre por causa do aumento da criação extensiva de gado.

Diversos veículos publicaram os dados de desmatamento, que tem crescido sob o governo Bolsonaro, que desde sempre se apresenta como parceiro do agronegócio e de mineradores, atividades que provocam a morte do meio ambiente. Apesar das conexões óbvias e da postura do presidente, a imprensa brasileira não trata a questão como polêmica.

O jornal português *Diário de Notícias* publicou duas reportagens sobre Bolsonaro. A última foi “Viagem ao incrível mundo dos ‘lives’ de Bolsonaro”, de 27 de julho, que aponta a baixa qualidade das transmissões como símbolo de “austeridade”, mas que é tudo planejado. A outra recebeu a manchete “Bolsonaro faz uma afirmação falsa ou distorcida por dia”. O texto é baseado em análise do site “Aos fatos”. Já o espanhol *El Mundo* afirma que Bolsonaro pratica um evangelismo sincero, mas eleitoreiro.

As características de Bolsonaro que geram desconforto e até espanto nos jornais estrangeiros parecem não ter o mesmo sentido para a maior parte dos jornais brasileiros. O desafio é, justamente, disputar os significados com relação às condutas e práticas de Jair Bolsonaro. Se serão vistas sem críticas ou mais próximo da forma como os jornais estrangeiros o veem.

A indicação do filho à embaixada

A indicação por Jair Bolsonaro de seu filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), ao cargo de embaixador nos Estados Unidos foi um ato bastante criticado pelos grandes grupos da imprensa nacional e causou estarrecimento na imprensa estrangeira. Eduardo pula a fila deixando para trás pessoas que dedicaram anos e anos aos estudos e ao Estado brasileiro. Especialistas afirmaram aos jornais estrangeiros ser algo vergonhoso. Os editoriais brasileiros caracterizam o fato como capricho, nepotismo, falta de visão estadista e incapacidade para estar na Presidência.

No início do mês, o inglês *The Guardian* mostrou

que a atuação do presidente gera insatisfações na própria direita e ouviu algumas pessoas que demonstraram apoio e agora se mostram arrependidas. A postura de Jair Bolsonaro diante da imprensa estrangeira também provou má impressão. Em coletiva, ele afirmou que está “cumprindo uma missão de Deus”, que não interessa a opinião de outros países sobre a Amazônia, e ainda reiterou a defesa da indicação do filho para o cargo de embaixador.

O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou dois textos, um deles bastante contundente em relação ao tema. No editorial “O poder como capricho”, publicado em 16 de julho, classifica a ideia como disparate e afirma que é dever do Senado barrar a indicação de pai para filho, que “avilta o bom senso, menospreza a defesa técnica e qualificada do interesse nacional, transforma o Estado em assunto de família e manifesta, uma vez mais, a dificuldade de Jair Bolsonaro para compreender o que é ser presidente da República, muito diferente de ser chefe de um clã”. O texto destaca o fato de que Eduardo não tem atributos para o cargo e classifica a indicação como um capricho evidentemente despótico, além de apontar que desmerece o país interna e externamente.

No dia 22 o *Estadão* voltou ao tema no editorial “Os impulsos do presidente”, que abre dizendo que Bolsonaro não sabe agir com impessoalidade e, em apenas duzentos dias de governo, houve exemplos em excesso do peso que os afetos e as hostilidades particulares do presidente têm sobre decisões de Estado, que, a rigor, não deveriam ser pautadas pela emoção.

Sobre a indicação de Eduardo ao posto de embaixador no Estados Unidos, o editorial afirma que “tivesse o olhar de um estadista, seria mais fácil para o presidente compreender o quão estapafúrdia é a escolha, por qualquer ângulo que se a analise. Porém, Jair Bolsonaro não vê sua escolha com olhos de estadista, mas com olhos de pai. E é como pai que reage às críticas”.

No editorial “Não é republicano pai nomear filho para embaixada”, publicado em 19 de julho, o jornal *O Globo* aponta que após 130 de República o Brasil volta à Monarquia. “Como se temia, já surge na imprensa estrangeira o termo ‘República de Bananas’ para qualificar o Brasil, que estaria repetindo com-

portamentos típicos de nações latino-americanas atrasadas e subservientes aos Estados Unidos.

O grupo *Folha* manifestou sua posição no editorial publicado pelo jornal *Agora* em 14 de julho, no qual afirma que se trata de um constrangimento a possível nomeação e que governante arrumar emprego para parente – o chamado nepotismo – já é uma das práticas mais vergonhosas da política. “Nesse caso, pouco importa se a lei permite ou não essa nomeação: o mau exemplo está dado”. E observa que Eduardo já foi fotografado com boné da campanha de Trump, o que não combina com a descrição que se espera de um embaixador.

Filho 03 embaixador domina redes sociais

O debate acerca da indicação do filho de Jair Bolsonaro à embaixada brasileira nos EUA surgiu em um momento, digamos, “oportuno” para o governo Bolsonaro: logo após a votação em primeiro turno da reforma da Previdência. Assim, o tema conseguiu, de certa forma, “suplantar” o debate sobre a reforma da Previdência nas redes sociais online.

Perfis da rede como GuilhermeBoulos e Ancelcom monopolizaram, ao lado de DaniloGentili e corOte, o debate sobre a questão, marcado por argumentos contra o nepotismo e piadas com relação ao inglês “falado” por Eduardo Bolsonaro.

A análise do Facebook oferece uma noção do impacto da divulgação: no último mês foram 6.626 publicações com 6.2 milhões de interações, com enorme pico no dia 12. Entre as publicações com mais engajamento destacam-se Cirogomessincero (90.8 mil interações), Jornalismotvcultura (70.2 mil interações), Deluccawilliam (68.9 mil interações), Quebrandootabu (66 mil interações), Randolferrigues (54.8 mil interações), Desmascarandooficial (53.4 mil interações) e BBC Brasil (33.4 mil interações). De forma geral, atacam o nepotismo, ironizam fluência na língua inglesa do deputado e questionam o currículo do filho de Jair Bolsonaro.

É importante observar que para além das piadas resultantes da possível indicação, o debate “político” da possível nomeação é marcado por uma ausência de atores da rede bolsonarista defendendo Eduardo Bolsonaro no episódio. Não houve, como

de costume, agrupamentos bolsonaristas mobilizados por ataques à esquerda e em defesa das ações e medidas bolsonaristas, com exceção de alguns -

poucos - usuários com comportamento anômalo, que evidenciaram ações automatizadas de alguns núcleos específicos e sem alcance significativo.

